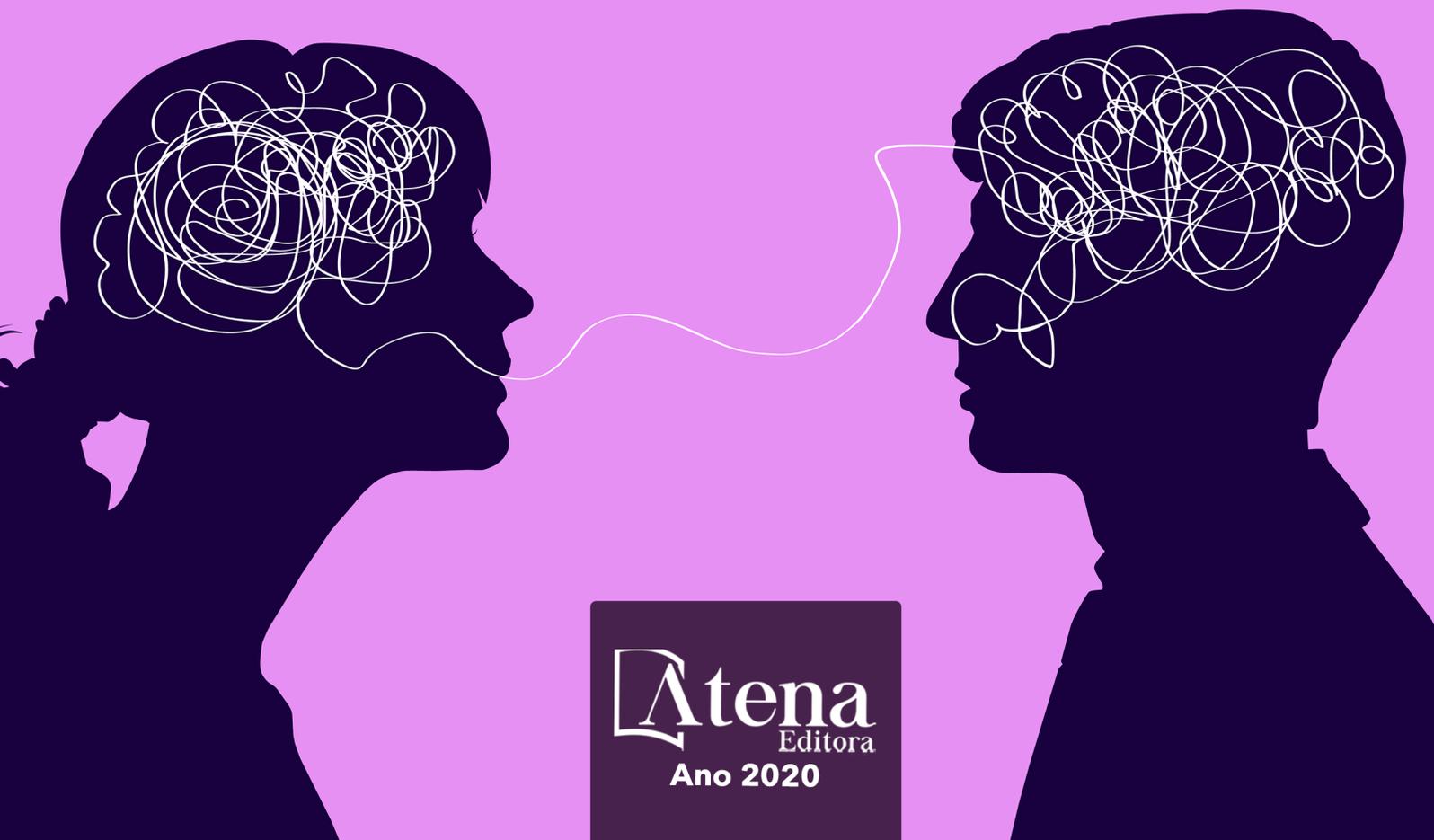


# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

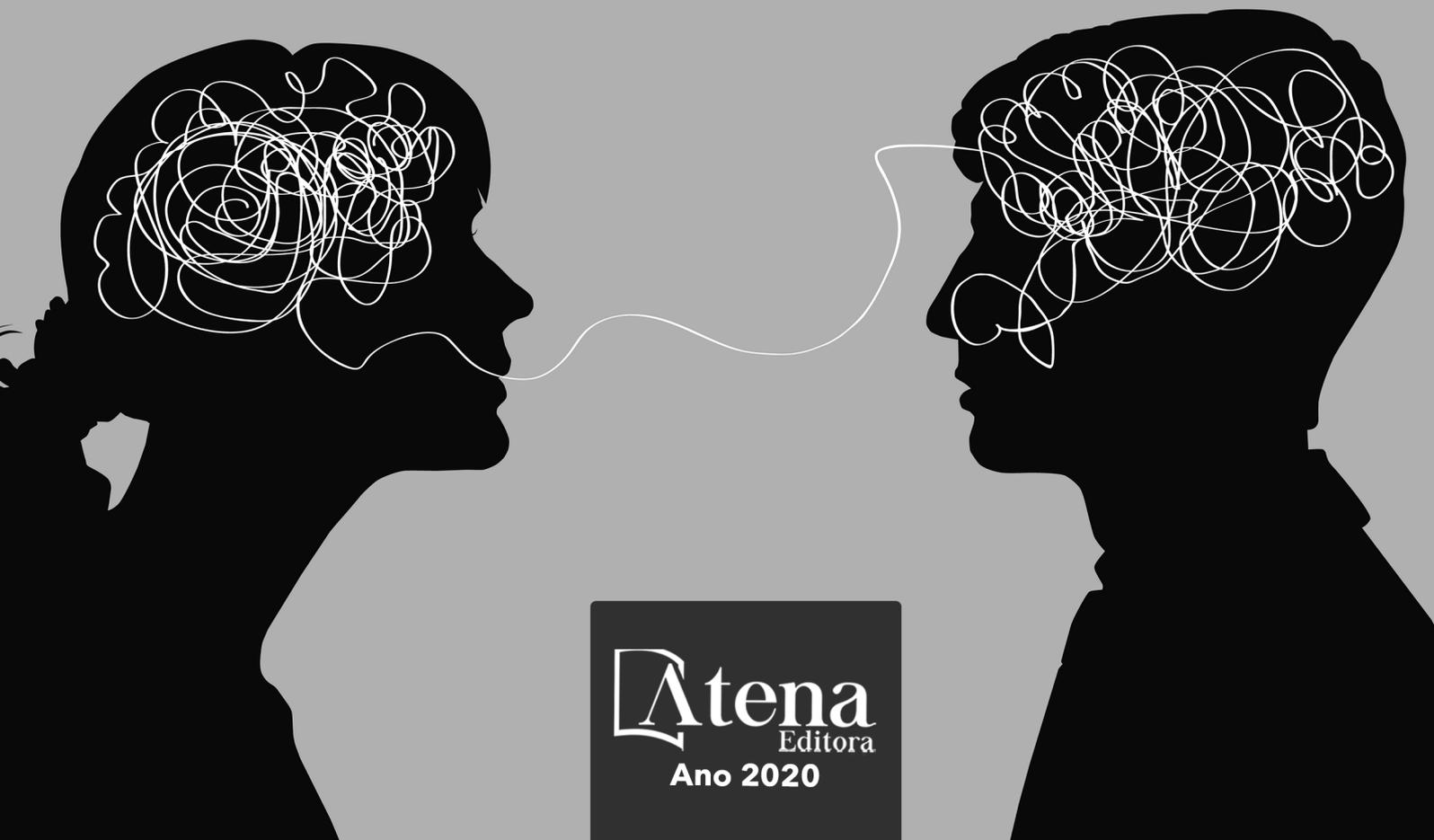
IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : culturas e identidades / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-025-4 DOI 10.22533/at.ed.254202404  1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Neste e-book, as reflexões compõem as áreas de ensino da Linguística, Letras e Artes em uma proposta plural. Quando se tem o contexto de ensino como espaço diversificado do conhecimento, compreende-se que a produção do saber não está associada à política de que os saberes são e devem ser classificados em pequenas caixinhas, sem que não se ofereçam as conexões entre as diferentes áreas da formação humana.

O que tornam necessárias as discussões presentes no referido livro são as noções ampliadas de que a formulação dos conhecimentos ocorre de maneira dialógica, flexível e plural. É nessa diversidade de capítulos que organizam, dão formas, texturas, cheiros e cores ao e-book, que todos os autores disponibilizam suas múltiplas concepções de como o conhecimento pode e deve ser construído, discutido, rediscutido e formulado.

Todos os autores constroem em suas narrativas investigativas um processo de efetivação das oportunidades de aprendizagem, as colocam neste livro de maneira acessível. Sendo assim, nossas reflexões transitam os contextos próprios da Linguística, das análises de obras literárias, isto é, das Letras, e da função que as Artes cumprem em nos encantar, problematizar situações, além de apresentar soluções para tais questões.

Ao escrever esta apresentação de *Linguísticas, Letras e Artes: Culturas e Identidades*, encontro-me, como todo o Brasil, em isolamento social em cuidados contra o inimigo invisível que assola todo o planeta, o covid-19. E, embora, não possamos cumprimentar os nossos interlocutores, sabemos que a essencial necessidade de comunicação do sujeito pela linguagem traz uma luz ao processo de interação e anseios de que dias melhores virão com a aurora anunciada pelas boas notícias.

Nestes tempos sombrios, de muitas mortes, por sinal, medos e tempestades em que a pandemia estar em destaque, amplia-se o discurso *fique em casa*, já que estamos isolados, socialmente, não estamos isolados de acessar o conhecimento capaz de nos acalantar. É, nesse sentido, que os 14 capítulos deste e-book surgem como um bálsamo aos nossos medos e às nossas inseguranças, pois, mesmo que os medos estejam à porta, o saber nos levam além.

Neste livro, propomos a aproximação discursiva entre os termos *culturas e identidades*, posto que linguística, letras e artes compartilham do mesmo contexto de elaboração. Assim, em tempos sombrios e de isolamento social fica a dica de leitura da referida obra, construída em uma proposta plural e disponibilizada a todos. *Fiquemos em casa* com uma excelente e construtiva leitura!

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMPETÊNCIA LEITORA: UM ALICERCE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA	
Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.2542024041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
TEORIA DA COMPLEXIDADE: ACONSELHAMENTO LINGUAGUISTICO, EMERGÊNCIA E ATRATORES NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Isabelly Raiane Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2542024042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LUSOFONIA EM EXPANSÃO: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)	
Gabriella da Silva Araujo	
Regina Helena Pires de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.2542024043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
PERCEPÇÃO DE ALUNOS A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Denise Medeiros Faria	
Jaliane Soares Borges dos Santos	
Maísa Conceição Silva	
Cristiane Siqueira Pereira	
Rogério Pacheco Rodrigues	
Jakline Soares Borges dos Santos	
Geane Silva Lima	
Natalia Lázara Gouveia	
Janice Soares Borges dos Santos Souza	
Jéssica Campos Silva	
Jordana Américo Zei Andrade	
Waldiclécio Ribeiro Farias	
DOI 10.22533/at.ed.2542024044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
ENSINO DE GRAMÁTICA E TEXTO NA ESCOLA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
TOPÔNIMOS LATINIZADOS NA FLORA BRASILIENSIS: O ANO DE 1819 DA MISSÃO AUSTRO-ALEMÃ NO BRASIL	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.2542024046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
UM PERCURSO SOBRE O ROMANCE 'DOIS IRMÃOS', DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.2542024047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
ANÁLISE DE RETRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO <i>THE IMP OF THE PERVERSE</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
<a href="#">Juan Carlos Acosta</a>	
<a href="#">Patrícia Chittoni Ramos Reuillard</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2542024048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL	
<a href="#">Margareth Torres de Alencar Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2542024049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
AS CURVAS DA ESTRADA DO PLAYBOY-HEROI: A MÚSICA DE ROBERTO CARLOS E A DANÇA EM “AS CANÇÕES QUE VOCÊ DANÇOU PRA MIM”	
<a href="#">Diego Santos Vieira de Jesus</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>122</b>
KLEZMER E O VIOLINO: DO TEATRO <i>YIDDISH</i> À SALA DE CONCERTO	
<a href="#">Edison Valério Verbisck</a>	
<a href="#">Eduardo Lopes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
O IMAGINÁRIO SOBRE TECNOLOGIA: ANÁLISE DA REALIDADE VIRTUAL NA SÉRIE BLACK MIRROR E SUA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO PUBLICITÁRIA	
<a href="#">Marina Strumiello Rodrigues da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
PERFORMANCE E DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: A INCORPORAÇÃO DA TÉCNICA PELA PRÁTICA	
<a href="#">Giovanna Gabriela Farias Machado Pieroni</a>	
<a href="#">Fernanda Nardy Bellicieri</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
REPRESENTAÇÕES CANIBAIS: ASPECTOS FRAGMENTÁRIOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PENSAMENTO ARTÍSTICO A PARTIR DO FILME RAW	
<a href="#">Marcos Pedro da Silva</a>	
<a href="#">Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo</a>	
<a href="#">Vinicius André da Silva Appolari</a>	
<a href="#">Andreia Nunes de Castro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240414</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>176</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>177</b>

## RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL

Data de aceite: 13/04/2020

FICTIONAL

**Margareth Torres de Alencar Costa**  
UESPI- UBA

**RESUMO:** Este artículo hace parte de la investigación propuesta en nuestra estancia pos doctoral sometido y aprobado por la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. El objetivo es hacer una reflexión sobre la voz subjetiva de la narradora en *Yo Rigoberta Menchú Tum*: y así me nació la consciencia. Los interrogantes: ¿Qué denuncias hace Rigoberta en su testimonio? ¿Cómo la subjetividad se presenta en su voz en la medida que denuncia los malos tratos hacia la comunidad indígena a la cual pertenece? ¿Porque esta investigación considera este testimonio una auto ficción? Lejeune(2008), Gomes(2004), Spivak(2010), Badiou(2008), Gusdorf(1963), Halbwachs(2006), Benveniste(2005), Fairclough(2001), Amossy(2005) entre otros, apoyan la discusión.

**PALABRAS- CLAVES:** *Rigoberta Menchú Tum*; subjetividad. testimonio. auto ficción

RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJECTIVITY,  
TESTIMONY AND WRITING AUTO

**ABSTRACT:** This article is part of the research proposed at a doctoral post sometime approved by the Faculty of Philosophy and Letters of the University of Buenos Aires. The goal is a reflection on the subjective voice of the narrator in *Yo Rigoberta Menchú Tum*: And so I was born in consciousness. The questions: What are the complaints about Rigoberta in her testimony? ¿How does subjectivity present itself in her voice as it denounces the mistreatment of the indigenous community to which it belongs? ¿Why does this research consider this testimony a self-fiction? Lejeune (2008), Gomes (2004), Spivak (2010) ), Badiou (2008), Gusdorf (1963), Halbwachs (2006), Benveniste (2005), Fairclough (2001), Amossy (2005) among others, supporting the discussion.

**KEYWORDS:** Rigoberta Menchú Tum; subjectivity testimony. self fiction

### INTRODUCCIÓN

Mi nombre es Rigoberta Menchú Tum, tengo veinte y tres años, me gustaría dar este testimonio vivo que no aprendí en un libro, tampoco sola, ya que todo eso aprendí con mi pueblo y eso es una cosa que me gustaría dejar aclarado:[...] Mi situación personal engloba toda la realidad de un pueblo(BURGOS,1993,p.32)

Esta es la voz subjetiva de una mujer indígena que ya empieza su discurso diciendo que su voz es la voz de muchos que están callados, sufriendo injusticias, se propone a dar su testimonio que engloba todo su pueblo. La realidad política de la época, era la difícil situación de los campesinos e indígenas de Guatemala en la guerra civil. Es una voz que habla en su nombre y del pueblo indígena oprimido. La narradora y protagonista, testigo de los hechos ocurridos es Rigoberta, pero en la narrativa es posible escuchar dos voces: la voz de Burgos y la voz de Rigoberta. Cuando Rigoberta habla, es una mujer, indígena que se da voz y al denunciar las injusticias que su pueblo sufre, y mismo ella, Rigoberta, cuando da su testimonio a Elizabeth Burgos, está huyendo de la policía que la busca para torturar y matar. Ella ya había sido testigo de muchos actos de violencia en contra su familia, y su pueblo, teniendo que huir todo el tiempo. La lectura del fragmento que empieza este artículo, permite a los lectores inferir que antes que le despertara la consciencia, Rigoberta no sabía que era diferente, porque era maltratada junto con los suyos, desconocía porqué ella, su familia y los demás indígenas eran mirados con desconfianza y la forma des humana de cómo eran transportados a las fincas . Le dolía ver la triste condición a que los indígenas eran obligados a vivir así que su testimonio es una forma de protesta y una necesidad de denunciar al mundo esta realidad. Pero mismo en su oralidad, ya intenta demostrar que los indígenas mayas son todos hombres de maíz, el mito de la creación maya está allí como es posible verificar en esto fragmento: “Y así se hace mención al maíz, al frijol, a las yerbas el niño o la la niña que se va a alimentar del maíz y desde ya está formado de maíz, pues, su madre comió maíz cuando él se formó. Entonces , el niño, sabrá respetar y cuidar un grano de maíz que esté arrojado al suelo” ( BURGOS,1993,p.47). En todo el relato se percibe el sincretismo religioso pero queda aclarado por la narradora que la identidad de su pueblo es la creencia en sus antiguas raíces que son pasadas de padre a hijo, de toda la comunidad a cada uno que comparte de la convivencia en grupo. Si sales de la comunidad solo vuelves a vivir con ellos si aceptas las reglas de la comunidad. Halbwachs (2006, p. 16), afirma que la memoria individual se apoya en la memoria colectiva porque: “Ciertamente, si nuestra impresión puede apoyarse no solamente sobre nuestros recuerdos, mas también sobre la de los otros nuestra confianza en la exactitud de nuestra evocación será más grande...”

El transcurso de la pesquisa se dio de la siguiente forma: i) Lectura de la obra Yo Rigoberta Menchú Tum de Elizabeth Burgos/ Rigoberta Menchú; ii) Selección bibliográfica del aporte teórico; iii) Selección y fichero de lecturas teóricas que abordan el testimonio, la memoria en la literatura; iv) Análisis de la obra objeto de estudio de este artículo científico bajo el punto de vista de la subjetividad y del testimonio

## MARCO TEÓRICO

La subjetividad y la forma como esta se presenta en el testimonio presente en *Rigoberta Menchú Tum*, desnuda a los ojos de los lectores las injusticias sociales que se hacen presentes en todas las partes del mundo marginado, en este caso América Latina, lugar en donde nuestro objeto de estudio conoció la pobreza y los prejuicios desde muy pequeña, pero también enseña sus costumbres, su cultura y la necesidad de respeto, del derecho a su tierra, y de apoyo del gobierno a los autoctones. Sus padres y demás campesinos cultivaban la tierra y por las muchas deudas que tenían los ricos, que Rigoberta denomina de ladinos, quitaban sus tierras y sus cosas hasta que los desalojaban de vez. Rigoberta habla todo el tiempo de las muchas injusticias que ella y su Pueblo sufrieron como por ejemplo hambre, el hecho de que niños, hombres y mujeres trabajaban indistintamente en las fincas, la manera como eran transportados en camiones junto con animales, siendo menospreciados además de desconocieren el idioma del hombre blanco, lo que los hacían todavía más explotados hecho que le despertó la consciencia para la necesidad de aprender la lengua de los blancos como forma de auto protección. El sincretismo religioso se hace visible cuando Rigoberta( Burgos,1993.p.16) afirma: “La Biblia habla de un Dios único, [...] también tenemos un solo Dios, es el sol, corazón del cielo. Pero la Biblia nos enseña asimismo que existe una violencia justa, la de Judith que cortó la cabeza al rey para salvar a su pueblo.”

Euridice Figueredo( 2013,p.11) afirma que no es fácil probar que el testimonio es verdadero, pero siempre que se hace relatos, diarios, testimonios, autobiografías ya si está siendo subjetivo porque:

A pesar de ser difícil hacer la separación clara entre personaje/narrador/ autora[...] debe quedar aclarado que mismo la figura de la escritora ya es una ficcionalización, porque no hay como escribir sin ordenar, seleccionar, dar énfasis, ocultar o velar. Crear cierto suspense de manera a mantener el interés del lector.

La lectura concienzuda de estos teóricos nos lleva a pensar que por detrás del uso del lenguaje y comunicación lingüística, tenemos las intenciones comunicativas y una de las actividades realizadas por aquel que hace uso de la palabra es pensar en lo que va a decir y como va decir, para que el destinatario o destinatarios de su discurso este de acuerdo con su punto de vista, o sea, los objetivos deseados por el anunciador del discurso sean alcanzados. Al leer la obra de Burgos/ Rigoberta, nos percatamos que el discurso proferido por Rigoberta revela su verdadero rostro a través del uso de la subjetividad y que esta es una marca constante en el texto en análisis como por ejemplo cuando Rigoberta habla de la creencia que los mayas tienen que todo ser humano nace con su doble, o sea ellos comparten la cultura y creencia que los seres humanos son duplos y esa idea de duplicidad la dice así:

Todo niño nace con su *nahual*. Su *nahual* es como su sombra. Van a vivir paralelamente y casi siempre el *nahual* es un animal. [...] Todo animal tiene un correspondiente hombre y al hacerse mal a él, se hace mal al animal. [...] Para nosotros, los días son divididos en perros, en gatos, en toros, en pájaros. Cada día tiene un *nahual*.(BURGOS,1993,p.54)

Si al hablarnos estamos siendo verdaderos o no, al dar nuestro testimonio y exponer nuestro punto de vista e intentar comunicar al mundo lo que nos ocurre, intentamos persuadir nuestros lectores a aceptar nuestra verdad de la historia, a aceptarnos como somos, a perdonarnos nuestras transgresiones y forma de vivir, y es eso que hace Rigoberta al revelar las costumbres de su pueblo. “Camino seis leguas a pié, o sea, veinte y cinco kilómetros, para ir de la villa de Uspantán hasta mi casa. La aldea es la aldea de Chimel, donde nací” (BURGOS, 1993, p. 33)-traducción propia

El habla de Rigoberta la lleva a mirar el pasado y expresar las injusticias sociales a las cuales ocurrieron y ocurren a los indígenas de Guatemala y quizás a todos los pueblos indígenas de América Latina. La memoria es un factor ligado a la cultura y a las condiciones sociales de cada pueblo y cada época, es posible rastrear en el discurso de Rigoberta aspectos relacionados a valores, rituales, interdicciones y organización político-social de su pueblo, como ilustra el fragmento abajo cuando dice que su padre fue maltratado por los blancos desde niño, su voz denuncia el prejuicio del hombre blanco y las injusticias sociales a los pobres marginados como afirma:

[...]Pero nunca aprendió el castellano ya que lo tenían aislado en un lugar donde nadie le hablaba y que sólo estaba para hacer mandados y para trabajar. Entonces, él aprendió muy muy poco el castellano, a pesar de los nueve años que estuvo regalado con un rico. Casi no lo aprendió por ser muy aislado de la familia del rico. Estaba muy rechazado de parte de ellos e “ incluso no tenía ropa y estaba muy sucio, entonces les daba asco de verle. ( BURGOS,1993,p.23)

Modernamente la guardia de datos que remiten a la vida privada de los individuos, se tiene dado de forma fragmentada y todo lo que dice respecto a su historia de vida, social, política, económica, rutinera como sus vidas es incentivada por la sociedad cuya cultura lleva mismo a cultivar la supervivencia de la memoria de los demás a través de prácticas volteadas a la meditación, terapias de grupo, escrita de diarios con el fin mismo de examinar el yo interior y las acciones que lleven al individuo a mejorar su conducta en sociedad, configurando lo que afirma Gomes (2004, p.14):

La verdad de los hechos y de sinceridad del individuo – vendría a influenciar la escrita de la historia de varias maneras y de forma recurrente, especialmente a partir de las décadas finales del siglo XX. Puede de esa manera trazar relaciones – ni mecánicas, ni inmediatas – entre una historia de la subjetividad del individuo moderno, una historia de las prácticas culturales de la escrita de si y de una historia de la Historia que reconoció nuevos objetos, fuentes, metodologías y criterios de verdad históricos. ( traducción propia)

La intimidad narrada no visa a un lector, entonces la subjetividad en un diario, es más libre – menos miedosa porque al escribir y leer lo que nosotros mismo escribimos creemos que el diario solo será leído por nosotros, (hipotéticamente, claro) – entonces aquí el silencio – es menor, no callamos lo que no puede ser dicho – lo interdicto, porque no escribimos para sernos leídos, lo que no ocurre con las cartas y testimonios, por ejemplo, y los textos autobiográficos, sabemos que vamos ser leídos y que somos responsables por lo que afirmamos en nuestro texto, en se tratando de este tema, Willemart (2009), acercase-se más cuando afirma que la autobiografía es una especie de auto ficción, porque nosotros somos el narrador de nuestra historia y nuestro primero lector, sea escribiendo cartas, diarios, memorias o mismo autobiografías de testimonio como lo hace en el libro en estudio *Rigoberta Menchú Tum* mismo que en principio su testimonio es narrado a otra persona, que lo edita y lo escribe, por ser Rigoberta, analfabeta, pero su *ethos* se manifiesta:

Cinco hermanos mayores y que cuando estábamos en las fincas, yo vi morir todavía a mis dos hermanos mayores, precisamente por la falta de comida, por la desnutrición que, nosotros los indígenas sufrimos. Muy difícil que una persona llegue a tener los quince años, así con vida. (BURGOS,1993,p.24)

Leyendo el testimonio de vida de Rigoberta uno percibe que los indígenas querían ser libres, tener la oportunidad de elegir su destino, no querían bajar a las fincas pero como les faltaba el principal que era el alimento y tener por lo menos lo suficiente para seguir cada día, tenían que someterse. Spivak (2010,p.5) al referirse al termino subalterno aclara que esta expresión: “ describe a las capas más bajas de las sociedades constituidas por modos específicos de exclusión de los mercados, de la representación política y legal y de la posibilidad de se tornaren miembros plenos en la sociedad social”. El discurso de Rigoberta es cargado de subjetividad, acusa a los hacenderos, los dueños de las fincas y al gobierno de explotar a los indígenas y cuando estos deciden movilizarse y construir estrategias de supervivencia y luchar por sus derechos son perseguidos, torturados y muertos. Además existen presentes en el texto algunos marcadores como por ejemplo: la noción de raza como identidad del pueblo maya quiché, la religiosidad, las costumbres específicas de esa cultura que las excluyen de los procesos y oportunidades, el derecho que uno tiene de vivir una vida plena en el mundo y tener sus derechos respetados y su identidad. Sin embargo la memoria individual apoyase en la memoria colectiva una vez que es posible comprobar que la prensa internacional notició la toma de la embajada española en Guatemala, ocupada por los campesinos, para atraer la atención internacional sobre la situación política que la dictadura del general Fernando Romero Lucas García, en esta ocasión sometía a las capas marginadas de la sociedad y a los indígenas a muchas privaciones, torturas y muerte.

De acuerdo con las portadas de los periódicos y de la historia real, en 1982,

los militares en el poder en Tegucigalpa decidieron aniquilar las tres frentes de guerrillas y todas las fuerzas civiles que las apoyaban, provocando uno de los mayores genocidios del siglo XX. La práctica de la oralidad en la vida de Rigoberta e de su comunidad desarrolló en ella y sus contemporáneos la subjetividad, todos tenían la costumbre de hablar en ceremonias, pasar sus costumbres de padre a hijo, de madre a hija y de narrar sus historias siempre de forma ficcionalizada por ser historia oral, o sea, todos eran iletrados por lo tanto, la oralidad hacía parte de su día a día. Rigoberta afirma que (Burgos,1993,p. 133 )“Aprendió el lenguaje del colonizador, no para integrarse a una historia que nunca la incluyó, sino para hacer valer, mediante la palabra, una cultura que es parte de esa historia.”

Rigoberta habla del hambre, marginación y explotación de los indígenas de Guatemala, su relato casa con el pensamiento de Badiou ( 2008) cuando este afirma que los derechos del hombre son de no ser maltratado (que incluye acá todo tipo de violaciones de estos derechos como por ejemplo la tortura, la ejecución, el hambre, el no ser ofendido, al ser respetado en su identidad cultural) y el de disponer de su libertad como el de expresarse, desplazarse, emitir opiniones sin ser arrestado por eso.

El entendimiento solo llegó a Rigoberta, cuando supo decir quién era y percatarse de todo el mal que sufrían ella y los suyos le nació la conciencia, quiere decir que pudo ver, entender que esta realidad horrible en la cual vivían los indígenas no era cierto. El encuentro de Rigoberta con Elizabeth Burgos y la invitación de esta para que aquella le contara su testimonio de vida, su historia y la forma como los indígenas eran explotados, hizo lo que Gusdorf ( 1963) afirmó en su libro *Ecriture de Moi*, ella empezó a entrar en su ser y se transformó en su objeto de estudio, teniendo que recurrir a sus memorias y cuando lo hace es su yo que desnuda y corrió todos los riesgos de alterar lo que iba narrando sobre su punto de vista, su manera de ver y encarar las cosas, por eso mismo segundo Gusdorf ( 1963) escribe un texto recriado, bajo el pretexto de narrar su vida, repetir su existencia o sea, su auto ficción, un texto donde uno se expone, y cómo tal su subjetividad.

On peut observer aux plages de l'Océan de curieuses figures légèrement dessinées sur le sable ; un petit crustacé, un insecte parfois, un oiseau, a marqué ce léger sillage avant de disparaître, ne laissant après soi que cette gracieuse signature. L'oiseau s'est envolé, le crustacé s'est effacé dans le sol humide. Un photographe pourrait **relever** ces empreintes pour le seul plaisir de conserver les formes et configurations, traces bientôt effacées par le vent et la mer, sans se préoccuper le moins du monde des êtres commémorés par ces figures fugaces. (GUSDORF, 1963,p.13)

Leyendo lo que Gusdorf afirma, corroboramos con él cuando dice que el ser humano intentar recrear su existencia pasada e intenta repetir su existencia, el significado del texto autobiográfico que surgió del testimonio dado por Rigoberta a

Elizabeth Burgos, vá más allá de la verdad por estar el texto cargado de subjetividad, el texto es una obra de arte.

Gomes (2004, p.15) y Philippe Willemart (2005) defienden que por reconocer estas características de la escrita del yo, hasta mismo los historiadores son objeto de preocupación que viene generando debates entre los teóricos y críticos de la escrita de sí, porque la subjetividad crear una ilusión de verdad, y mismo que los hechos narrados puedan ser comprobados con apoyo de la memoria colectiva, lo que se escribe son textos auto ficcionales porque están cargados de subjetividad.

Así, todas las veces que Elizabeth leía para sí misma lo que Rigoberta había grabado en las cintas le daba a ella el derecho de borrar o reescribir lo dicho anteriormente por acordarse de otro hecho o por el hecho de que lo que había narrado el día anterior faltaba alguna cosa o había alguna cosa que modificar. Es como si la escrita fuera un trabajo de ordenar, re-ordenar, de esa forma el texto estaba siendo continuamente editado y reeditado.

Estas reflexiones se vuelven para los estudios de Philippe Willemart (2009,p.127) cuando este afirma que el yo no existe, si pensamos que “Autobiografía, significa alguien que escribe su vida o se narra, ese alguien que, segundo el autor, se narra y al hacer esto su yo entra en un ejercicio como si fuera la pantalla de un ordenador”. Es en este ir e venir sobre su yo, su ser, su pasado, que el autor/ narrador/protagonista borra el texto, vuelve a él muchas veces y lo que sale de ahí es un texto auto ficcional y esa realidad es verdadera para relatos, testimonios, diarios, cartas y todo lo que se encaja en la escrita de sí.

Las revisiones continuas se someten a la lenguaje, se pierden y se multiplican en sus rasguños y borriones [...] sostendré a pesar de la diferencia entre el pacto autobiográfico y el pacto de la ficción establecido por Philippe Lejeune que el genero autobiográfico existe raramente en el sentido de una narrativa correspondiente realmente las intenciones del escritor y a los hechos vividos y que todo que se acerca o se dice autobiográfico es, muchas veces auto ficción. (WILLEMART, 2009, p.146-147) traducción propia.

Todas las veces que un sujeto motivado por un interese en producir un acto de lengua un proceso comunicativo, su discurso estará cargado de subjetividad porque el sujeto de la enunciación del discurso puede elegir, con cierta libertad, las estrategias de habla y las formas de agregación de su discurso, las palabras que juzga más convenientes y apropiadas, una vez que él toma la iniciativa y todo lo que dice está cargado de intenciones, como cuando Rigoberta narra las costumbres del pueblo maya, sus ceremonias, sus creencias .

La lengua, como materia primera del discurso, ofrece a quienes la usan una serie de opciones (fónicas, gráficas, morfo sintáctica y léxicas) de entre las cuales hay que elegir en el momento de (inter)actuar discursivamente. Esa elección, sujeta o no a un control consciente, se realiza de acuerdo con unos parámetros contextuales

que incluyen la situación, los propósitos de quien la realiza y las características de los destinatarios, entre otros.

Todo acto enunciativo implica la construcción de una imagen de sí. *Ethos* es, por tanto, un término que designa la imagen de sí construida en el discurso del mismo o de otro que escribe sobre él. La forma como las palabras son enunciadas establecido una ínter-relación entre locutor/ sujeto del enunciado y su interlocutor o destinatario permite construir una imagen de ese locutor a partir de su discurso. Para Amossy (2005, p.9):

Todo acto de tomar la palabra implica la construcción de una imagen de sí. Para tanto, no hace falta que el hablante haga su auto-retrato, detalle sus cualidades ni mismo que hable explícitamente de sí. Su estilo, sus competencias, sus creencias implícitas son suficientes para construir una representación de su persona. Traducción propia.

Las marcas de género entendidas en el discurso de Rigoberta, no solo como la forma de vestirse como indígena, actividades realizadas de acuerdo con las costumbres mayas como también por la jerarquía y papeles sociales concernientes a cada uno en la época en que trata su testimonio entre hombres blancos e indígenas, son mostradas de forma clara por Rigoberta, clamando toda la sociedad y pueblos a hacer una reflexión a través de su testimonio, su historia de vida y las injusticias sociales sufridas por su familia y su pueblo porque segundo Fairclough (2001, p.91):

El discurso es una práctica, no solo de representación del mundo, mas de significación, del mundo, constituyendo y construyendo el mundo en significado. [...] El discurso contribuye, en primero lugar, para la construcción de lo que variablemente es referido como "identidades sociales" e posiciones del sujeto" para los "sujetos" sociales y los tipos del "yo". Segundo, el discurso contribuye para construir las relaciones sociales entre las personas y tercero, el discurso contribuye para la construcciones de sistemas de conocimiento y creencia.

Esta afirmación de Fairclough es lo que creemos que hace Rigoberta al compartir su historia de vida, la realidad de explotación y marginalidad compartida por su pueblo, el deseo de acabar con esta situación por eso ella representa en este libro la voz de su pueblo. Rigoberta propone en su discurso que los indígenas sean respetados, que tengan derechos y que el CUC es la única arma que tiene la población como instrumento de lucha.

La subjetividad, la presencia constante del yo como anunciador del discurso es objeto posible de comprobación del inicio al fin de su libro y la subjetividad de la cual hablamos en este trabajo es la capacidad del locutor ( Rigoberta) proponerse como sujeto conforme nos afirma Benveniste (2005, p. 268-288);

La consciencia de sí mismo solo es posible se experimentada por contraste. Yo no empleo yo a no ser dirigiéndome a alguien, que será en mí locución un tu. Esa condición de diálogo es que es constitutiva de la persona, pues implica en reciprocidad – que yo me torne tu en la elocución de aquel que por su vez se designa como Yo. [...] A que entonces se refiere el yo? A algo de muy singular, que es exclusivamente lingüístico; yo se refiere al acierto individual en lo cual

es pronunciado el locutor. [...] La realidad a la cual el remite es la realidad del discurso. Es en la importancia del discurso en la cual yo designa el locutor que este se anuncia como "sujeto". Es, por tanto, verdad al pié de la letra que el fundamento de la subjetividad está el ejercicio de la lengua. ( traducción propia)

Dominique Mangueneau (1996) dice que el *ethos* como siendo el acto del anunciador de conferir a su destinatario cierto *status* para legitimar su decir: el se otorga en el discurso una posición institucional y marca su relación con un saber. El *ethos* nos posibilita como noción discursiva vislumbrar la imagen del sujeto anunciador a través de su discurso. La manera como las palabras son ditas, las frases y oraciones son formadas nos posibilitan la construcción de una imagen verdadera del locutor exigiendo del receptor un ejercicio de reflexión sobre lo que fue dicho conforme explican Blancafort y Valls (2008, p.2).

Como miembros de grupos socioculturales, los usuarios de las lenguas forman parte de la compleja red de relaciones de poder y de solidaridad, de dominación y de resistencia, que configuran las estructuras sociales, siempre en tensión entre la desigualdad y la desigualdad, la identidad y la diferencia. Las identidades sociales de las personas – complejas, variadas e incluso contradictorias – se construyen, se mantiene y se cambian a través de los usos discursivos. Porque es en ellos donde se activan y se materializan esas caras que se eligen para cada ocasión.

Rigoberta bien expresó lo susodicho cuando mostró al mundo su cotidiano, las costumbres de su gente, bien expresadas por Elizabeth Burgos que supo escuchar, valorar la palabra del otro y en ese hablar actos más importantes que constituyeron el auto conciencia de Rigoberta Menchú Tum, por eso la indígena pide solidaridad al mundo, porque si en su comunidad ellos se ayudan unos a los otros también deben dejar que los demás les ayuden si lo precisan, pero para eso hay que mostrar que ellos existen, conforme afirma Amossy (2005, p. 13) "El rostro es una imagen del yo delineada según ciertos atributos sociales aprobados y, a pesar de eso, compartidas, una vez que podemos, por ejemplo, causar una buena imagen de nuestra profesión o de nuestra fe cuando causamos una buena imagen de nosotros mismos."

Si consideramos la difícil situación de estrés por la cuál Rigoberta venía pasando desde su infancia y considerarnos que otra oportunidad de hablar, defender su situación de penurias e injusticias, las persecuciones, los sufrimientos de su familia, su pueblo era más que una voz solitaria clamando por ayuda, era una voz desesperada, que tenía la responsabilidad de representar a todo un pueblo hace siglos amordazado. Rigoberta era una voz desautorizada a hablar, perseguida y cómo no tenía nada más a perder, tenía que aprovechar aquella oportunidad única, por tanto, su discurso tenía que persuadir, ser eficaz, era la defensa de muchos que estaba en juego.

La imagen positiva se refiere al valor y la estima que una persona reclama

para sí misma y Rigoberta representa todo un pueblo sin voz, entonces hay todo un esfuerzo para defender sus costumbres, su etnia, sus valores, sus sinnúmero de sufrimientos, la explotación, las humillaciones, por eso mismo la imagen negativa siempre aparece cuando acusa a los ricos, a los ladinos, a la policía, al gobierno. El aprendizaje del español, lo deja aclarado, fue un esfuerzo no para integrarse a una historia que nunca la incluyó sino para hacer valer, mediante la palabra una cultura que es parte de esta historia., para denunciar las injusticias sociales y económicas que estaban exterminando a los indígenas.

## CONSIDERACIONES FINALES

Los resultados de la pesquisa nos mostraron que la obra insertase en el género de la escrita de sí. La pesquisa nos hizo comprobar que la obra es una mezcla de defensa de la cultura de un pueblo, de las injusticias sociales en contra los indígenas pobres de Guatemala al mismo tiempo en que la protagonista hace la defensa de su género, se da voz clama por justicia no solamente para sí misma pero para todos los indígenas pobres e injusticiados de Guatemala.

Rigoberta habla todo el tiempo de las muchas injusticias que ella y su Pueblo sufrieron como por ejemplo hambre, niños, hombres y mujeres trabajando indistintamente en las fincas, la manera como eran transportados en camiones junto con animales, siendo menospreciados además de desconocieren el idioma del hombre blanco lo que los hacia todavía más explotados. Los sucesos que ella relata son factibles de comprobación por cuenta de la historia oficial del país y por las noticias en los periódicos.

De todas formas la voz de testigo de Rigoberta es una voz subjetiva que clama por justicia para sí y para su pueblo, una voz que está cansada y dispuesta a dar la vida para que las cosas cambien para mejor, para que se acaben los prejuicios y para que los indígenas pasen a ser valorados por lo que son y que se acabe el hambre, para que los pobres puedan trabajar su tierra, para que mejoren las condiciones de vida de todos los pobres de Guatemala.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Teoría del Sujeto**. Fordinado por Ricardo alvarez 1ª Ed. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2008.

BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BLANCAFORT, H. C.; VALLS, A. T. **Las cosas Del decir**: Manual de análisis del discurso, Barcelona, Editorial Ariel, 2008.

- BURGOS, Elizabeth. **Meu nome é Rigoberta Menchú: e assim nasceu minha consciência**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1993.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança social**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EDUERJE, 2013
- GOMES, Â. de C. (Org). **Escrita de Si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GOMES, Angela. **Escrita de si, Escrita da história**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- GUSDORF, George. *Les écritures du moi. Lignes de vie*<sup>1</sup>. Paris: Les Éditions Odile Jacob, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rosseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inés Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008
- MAINGUENEAU, D. **Pragmática para o discurso literário**. Tradução: Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MIRAUX, J P.. **La Autobiografía: las escrituras del yo**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte Editora UFMG, 2010.
- WILLEMART, P. **Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Antoine Berman 83, 87, 91, 92

Antropofagia 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Aprendizagem 1, 3, 4, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60

As canções que você dançou pra mim 109, 110, 111, 118, 120, 121

Atrator 13, 16, 20, 21

Auto ficción 98, 102, 103, 104

### B

Black Mirror 134, 135, 136, 137, 138, 143, 145

Brasil oitocentista 63, 64, 71

### C

Canibalismo 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Cultura Contemporânea 134, 135, 137, 144, 165, 166, 170, 171, 174

Curso Básico 39, 40, 41, 45

### D

Dança contemporânea 109, 110, 112, 113, 120

Documentário 130, 146, 147, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 164

### E

Edgar Allan Poe 83, 84, 86, 88, 96, 97

Emergência 13, 14, 17, 19, 20, 22, 167

Escrita 1, 31, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 98, 101, 104, 107, 108

Estética 112, 115, 120, 121, 135, 165, 172, 174, 175

Estratégias 20, 34, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 60, 111, 113

### G

Gramática 2, 5, 6, 7, 12, 26, 30, 31, 32, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 176

### H

Historiografia da Linguística 63, 71

## I

Imaginário 25, 75, 82, 115, 116, 120, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145

## K

Klezmer 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

## L

Latim científico 63

Leitura 1, 5, 8, 9, 10, 12, 27, 33, 34, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 62, 84, 85, 88, 141, 155, 164, 170

Libras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Língua 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 71, 72, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 88, 92, 123, 176

Língua Portuguesa 1, 2, 3, 11, 12, 24, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 36, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 61, 62, 72, 78, 82, 176

línguas indígenas 63, 64, 70, 71, 72

Livro Didático 6, 21, 24, 26, 27, 30, 37

Lusofonia 24, 25, 26, 36, 37

## M

Música erudita 122

## P

Paradigma da complexidade 13, 15, 22

Performance Art 146, 147, 148, 153, 154, 156, 157, 160, 161, 163

Perversidade 83, 86, 88, 89, 90, 91

PLE 24, 26, 27, 29, 31, 32, 35

Prática Docente 1, 4, 7, 36

## R

Ready-made performático 146, 160, 163

Realidade Virtual 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Retradução 83, 87, 96

Rigoberta Menchú Tum 98, 99, 100, 102, 106

Roberto Carlos 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

## S

Subjetividade 158, 159

## T

Teatro yiddish 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132

Testimonio 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105

Texto 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 32, 34, 47, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 119, 130, 148, 153, 168, 173, 174

## V

Violino 122, 123, 126, 129, 130

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**